

UM OLHAR SOBRE A BRANQUITUDE: A PSICANÁLISE ENQUANTO POSSÍVEL FERRAMENTA PARA DAR CONTORNO À SUBJETIVIDADE DE SUJEITOS BRANCOS

A LOOK AT WHITENESS: PSYCHOANALYSIS AS A POSSIBLE TOOL FOR SHAPING THE SUBJECTIVITY OF WHITE SUBJECTS

Mariana Mendonça Cabeça¹

mestranda no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Gabriel Inticher Binkowski²

professor no Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo

RESUMO

Esta pesquisa concebe a categoria "raça" como balizadora de inscrições no discurso social deste território denominado Brasil. Compreende a branquitude como criadora e mantenedora de cisões psíquicas no Inconsciente dos sujeitos que dela se beneficiam. Desta maneira, busca-se um dispositivo clínico que possa auxiliar no processo de elaboração da raça enquanto estrutura central da subjetividade de pessoas brancas. O percurso da pesquisa se baseará, em um primeiro momento, na leitura do Seminário 11 de Jacques Lacan (1964) a respeito do conceito de Inconsciente e de Repetição, criando laço com o material recolhido, pela pesquisadora, em grupos de pessoas brancas voltados para a discussão de suas próprias branquitudes. A partir do conceito de neurose para Freud (1894) e de neurose cultural brasileira para González (1984), compreende-se que este é um momento de restituição da palavra, onde aquilo que foi recalcado é trazido para a estrutura consciente. A forma de análise dos resultados tem como guia o campo transferencial criado entre a pesquisadora e o material recolhido. Por fim, este trabalho tem em vista buscar os possíveis dispositivos clínicos que contribuam no processo de elaboração da racialização do sujeito branco. E, a partir disso, pôr em questão quais são as interferências nas inscrições no discurso social deste.

Palavras chave: psicanálise; branquitude; racismo; inconsciente.

ABSTRACT

¹ Mariana Mendonça Cabeça - Psicóloga Clínica, mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Bacharel em psicologia pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis. Pesquisadora interna da Universidade de Stellenbosch. Membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL) e membro do Núcleo de Estudos de Raça e Interseccionalidade (NERI). Autora do livro "Ambivivências" e do Guia de reconhecimento sobre Branquitudes. Pesquisa branquitude através da psicanálise. email: marianamcabeça@gmail.com

This research conceives the category "race" as a marker of inscriptions in the social discourse of this territory called Brazil. It understands whiteness as a creator and maintainer of **cisões psíquicas** in the Unconscious of the subjects who benefit from it. In this way, a clinical device is pursued to help in the process of elaborating race as a central structure of the subjectivity of white people. The course of the research will be based, at first, on the reading of Seminar 11 by Jacques Lacan (1964) regarding the concept of the Unconscious and Repetition, creating a link with the material collected, by the researcher, in groups of white people focused on the discussion of their own whiteness. From the concept of neurosis for Freud (1894) and Brazilian cultural neurosis for González (1984), it is understood that this is a moment of restitution of the word, where what was repressed is brought back to consciousness. The way of analyzing the results is guided by the transferential field created between the researcher and the collected material. Finally, this work searches for possible clinical devices which contribute to the process of racial elaboration of white people. And, from that, to question what are the interferences in the inscription in the social discourse of them.

Key words: psychoanalysis; whiteness; racism; unconscious.

INTRODUÇÃO

"O já achado está sempre por trás, mas atingido por algo da ordem do esquecimento"
(LACAN, 1964, p. 15)

Em psicanálise, a partir da conceituação do Inconsciente por Freud (1915) e sua retomada por Lacan (1964), ao lado da primazia do mesmo, logo aprende-se que não há como pensar em um sujeito fora do laço com o outro (LACAN, 1969). É com o outro que se aprende sobre si, pois é no outro que se encontra a diferença. Entretanto, há uma urgência em criar referenciais metodológicos que consigam dialogar com as questões do nosso tempo. Concordamos com Debieux Rosa (2016) quando diz que é também no laço com esse Outro que se encontram as desigualdades e as violências sociais. Não há como deixarmos de pensar nas diferentes inscrições que cada sujeito carrega consigo, pois é a inscrição permitida a cada um que irá direcionar como se dará a relação com o Outro e, portanto, consigo mesmo (MUSATTI-BRAGA, 2016).

Este território, que hoje denomina-se Brasil, só recebeu este nome por ter entrado em relação com um Outro - Portugal. Partimos da concepção de Carneiro (2011) ao compreender que esta relação foi pautada por constantes violências e violações dirigidas para algumas

² Gabriel Inticher Binkowski - Psicanalista e Professor no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Mestre em Clínica Transcultural e Doutor em Psicologia pela Université Sorbonne Paris Nord. Membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL). Editor associado da Revista Psicologia USP. Coordena o eixo de Clínica Psicanalítica Transcultural do Grupo Veredas: Psicanálise e Migração e é um dos coordenadores do Relapso – Grupo Interuniversitário de Pesquisa em Religião, Laço Social e Psicanálise. email: binkowski@usp.br

populações, e, benesses e privilégios para outras. O que possibilitou a existência dessa nação foram as segmentações baseadas no critério de raça - conceito que não encontra realidade na biologia mas que, há séculos, encontra realidade nos acontecimentos históricos e sociais (SCHWARCZ, 1993).

Portanto, para elaborar as considerações presentes, traremos como referencial o parâmetro racial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No território brasileiro, a leitura social se dará através de fenótipos e não de seus genótipos - ou seja, vale sua expressão física, não sua hereditariedade. O que garante privilégio aos brancos brasileiros, mesmo que necessariamente tenham raízes genealógicas mescladas. (KEBENGLE, 2014)

Há um jogo de forças entre privilégio vs. ausência de privilégio criado no Brasil colônia (CARNEIRO, 2011) que se mantém até os dias atuais. Confirmamos isto através de relatórios como o Atlas da Violência (2017, 2018, 2019, 2020 e 2021) realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Em relação à população negra e indígena há um lugar que os desqualifica em sua inscrição no discurso social, como se fizesse parte do funcionamento do mundo colocá-los à margem de direitos humanos como provam as estatísticas: encarceramento em massa (BORGES, 2019; ALEXANDER, 2012), genocídio de sua juventude (ALMEIDA, 2019) ausência da demarcação de terras e invasão de terras demarcadas (KOPENAWA, ALBERT, 2015), apagamento e apropriação de sua memória coletiva (JAMES, 1954; WILLIAN, 2019; LONGUINI, 2022), entre outros que não poderiam ser esgotados ou aprofundados no presente momento. Ao mesmo tempo que, para a população branca, há um lugar hiper-qualificado (BENTO, 2014) de inscrição, o que também se comprova no dia a dia, quando se vê a cor do "patrão" e a cor da "empregada"³, como indica o relatório de "Condições de vida, desigualdade e pobreza" do IBGE (2022).

Concordamos com Bento (2022) quando diz que o pacto da branquitude reside em uma hipervalorização de sentimentos positivos relacionados à pertença racial ao grupo privilegiado que permanecem não assumidos e, portanto, intactos. O passado não elaborado segue produzindo o presente em que o sujeito está inscrito, sem reconhecer, dentro ou fora das instituições que está inserido, este movimento (LONGUINI, 2022). Pelo contrário, o próprio funcionamento social garante que ele permaneça "em silêncio, como se fosse um segredo" (KILOMBA, 2019, p. 50) desconsiderando seus significados históricos, inclusive, seus fantasmas.

³Os termos estão entre aspas para chamar a atenção que esses lugares de poder poderiam ser trocados por inúmeros outros marcadores relacionais: CEO x faxineira, professor x porteiro, empresário x motorista, etc).

No Brasil, o campo de estudos a respeito da branquitude teve seu início na década de 50. É no artigo “A patologia social do branco brasileiro” (1957) escrito pelo sociólogo Guerreiro Ramos, que, de maneira pioneira, o autor refere-se à identidade racial branca como “brancura”, o que corresponde à branquitude na literatura científica atual (CARDOSO, 2020). Desde então, as áreas de estudos das humanidades têm se debruçado a respeito desta estrutura de poder. (SCHUCMAN, 2012).

Como destacamos anteriormente, o racismo é um fenômeno relacional, ou seja: se constitui no laço das pessoas que se posicionam em lugares sociais, materiais e simbólicos diferentes e opostos. Esse funcionamento já havia sido desvelado teoricamente por Lélia Gonzalez, quando em 1984 escreve a respeito do funcionamento neurótico do grupo branco:

[...] é uma expressão privilegiada do que chamaríamos de **neurose cultural brasileira**. Ora, sabemos que o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios. Essa construção o liberta da angústia de se defrontar com o recalçamento. [...] **No momento em que fala de alguma coisa, negando-a, ele se revela como desconhecimento de si mesmo.** (GONZALEZ, 1984. p. 232. grifo nosso)

A importância da psicanálise enquanto possível ferramenta para pesquisar a branquitude se dá, pois, como defendido anteriormente, o sujeito branco está cindido no seu psiquismo (KILOMBA, 2019). Ao criar seu antagonista no "Outro", projeta aquilo que não consegue elaborar a respeito de si mesmo (BENTO, 2014, 2022). É a partir da criação do antagonista que ocorre o que Fanon (2008) irá denominar de divisão binária entre racionalidade e emoção, mente e corpo, iluminação e escuridão, onde há a criação do negro pelo branco e este não branco é colocado como o animalesco/primitivo a ser civilizado, introjetando em si o que reconhece como bom e projetando no Outro aquilo que reconhece como ruim. “[...] o Outro é criado e mantido para sustentar aquilo que não se pode reconhecer naquele que projeta” (BENTO, 2004, p. 35).

OBJETIVO

1. Objetivo geral

Buscar um dispositivo clínico que possa auxiliar no processo de elaboração da raça enquanto estrutura central da subjetividade de pessoas brancas.

2. Objetivos específicos

Leitura do Seminário 11 de Jacques Lacan (1964) a respeito do conceito de Inconsciente e de Repetição, criando laço com o material recolhido, pela pesquisadora, em grupos de pessoas brancas voltados para a discussão de suas próprias branquitudes.

Analisar os resultados a partir do campo transferencial criado entre a pesquisadora e o material recolhido.

Buscar os possíveis dispositivos clínicos que contribuam no processo de elaboração da racialização do sujeito branco.

JUSTIFICATIVA

Há grande interesse em pesquisas que possam compreender o que Binkowski e Laranjeira (2021) delimitam como sintomas e cisões subjetivas, respostas legítimas a conflitos entre sujeito e discurso de seu universo social e cultural. Compreendemos que a branquitude se inscreve nesse lugar e que a pesquisa psicanalítica tem muito a contribuir nesse sentido. Considerando que a mesma necessariamente conta com o campo transferencial, onde não se sabe, a priori, qual será o resultado do trabalho proposto (MUSATTI-BRAGA, 2016).

A escolha do tema se deu a partir de elaborações que a autora pôde desenvolver ao longo de sua participação em espaços que debatem raça, principalmente pautando a branquitude entre pessoas brancas (MATTOS, BARROS, 2021). Esta tem participado de espaços críticos a respeito da branquitude e pesquisado criticamente sua própria "brancura". Foram nestes espaços que se iniciou o desejo de aprofundamento nas diversas formas de manifestação da "neurose cultural brasileira" (GONZALEZ, 1987) em sujeitos brancos.

Como supracitado, sujeitos brancos têm sido convocados a discutir sua inscrição social por movimentos negros e indígenas. Há, nessa temporalidade, um paradoxo: pois vive-se tentativas novas para buscar formas de enfrentar uma questão secular. A psicanálise se enlaça intimamente à subjetividade do sujeito, portanto, não poderia se eximir da compreensão de que essa subjetividade também é racializada (NOGUEIRA, 2021).

Sendo ainda raro o laço entre Psicanálise e Branquitude, entende-se que quaisquer movimentos são somatórios e o próprio ponto de início do desejo é compreender que, inevitavelmente, passará por mudanças. Tal qual Freud (1910) declara em seus estudos iniciais a respeito das formulações da psicanálise, bem como a respeito da importância de iniciar algo, para, então, existir a possibilidade de aprimorá-lo. A presente pesquisa pretende existir enquanto contribuição para um estudo que será desenvolvido, ainda, ao longo de gerações.

Dito isto, buscamos proporcionar maior familiaridade com o tema e construir hipóteses a serem trabalhadas no presente projeto, bem como desenvolvidas em futuros artigos e pesquisas da autora (doutorado, pós-doutorado).

Tendo estas questões em vista, questionamos: o que podemos apreender destes movimentos emergentes da branquitude antirracista (MATTOS, BARROS, 2021) que possam nos auxiliar em pensar uma dinâmica da psique fora de um modelo de violência? É possível realizar este movimento sem antes adentrar um processo de restituição da palavra (COELHO & CUNHA, 2021) a respeito da neurose cultural brasileira (GONZÁLEZ, 1984) inscrita nos sujeitos?

Entendemos que esses questionamentos demandam objetivo e metodologia e defendemos que é possível explorá-los através da pesquisa em psicanálise (COELHO & CUNHA, 2021). Acreditamos que desta forma é possível produzir clínica através de dispositivos clínicos-políticos já existentes, considerando a branquitude enquanto objeto de pesquisa.

METODOLOGIA

É de nosso interesse aprofundar a compreensão a respeito da inscrição hiper-qualificada da branquitude no discurso social, pois, uma vez que ele é fruto de um momento historicamente traumático e não elaborado, concordamos com Kilomba (2019) que é causa de uma cisão sintomática no psiquismo do sujeito branco.

Como supracitado, entendemos que existem quatro condições para a pesquisa em psicanálise (COELHO & CUNHA, 2021). Seguiremos o caminho ético apontado por Musatti-Braga (2016), ao defender a utilização do método psicanalítico quando se considera a pesquisa sob transferência, em que tanto o pesquisador como os pesquisados estariam inscritos numa rede discursiva que acreditamos política e libidinal (ROSA, 2002).

A presente pesquisa se encontra passando por uma revisão bibliográfica, com a finalidade de sistematizar informações de maneira qualitativa, entendendo que o objeto de estudo não encontra metodologias definidas e o campo teórico ainda é recente dentro da psicanálise. Tais fatos não se colocam como impeditivos, mas como convidativos a aprofundarmos a temática, pois, em psicanálise, o percurso é sempre uma construção que não está estabelecida. (MUSATTI-BRAGA, 2016).

[...] o que seria sua especificidade diz respeito a como a psicanálise formula essa relação de fala e com que tempo a psicanálise trabalha: em relação a ambos, poderíamos sintetizar que a psicanálise inclui e leva às últimas consequências o conceito de **inconsciente** e essa é sua marca de distinção. A relação de fala (transferencial) presente na pesquisa psicanalítica é uma relação em que inconsciente (do analista e do analisante - do pesquisador e do pesquisado), está incluído como fazendo parte da pesquisa do início ao fim. (MUSATTI-BRAGA, 2016, página 28)

Será possível, então, interpretar as repetições que ocorrem nos materiais coletados a partir de uma interpretação psicanalítica da experiência vivida do sujeito branco, uma vez que os diálogos entre aqueles que se assemelham se encontram dentro de um reconhecimento de si no outro e, portanto, dentro de uma composição narcísica.

FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como afirmam Coelho e Cunha (2021, p. 7): "a especulação teórica deve estar sempre ancorada no que os sujeitos disseram, e deve demonstrar o elo entre esse material e aquele que é despertado na transferência". A análise dos resultados obtidos estará respaldada pelas condições de elaboração (COELHO & CUNHA, 2021) a partir de uma psicanálise que possa auxiliar na compreensão dos efeitos coloniais na subjetividade de pessoas brancas.

Nos interessa a elaboração pois é necessário irmos além da crítica em relação a estruturas de poder. O que é possível a partir da restituição da palavra a respeito da neurose cultural (GONZALEZ, 1984)? Defendemos que "oposição e reinvenção tornam-se, então, dois processos complementares, pois a oposição por si não basta" (KILOMBA, 2012, p.28).

PLANO DE TRABALHO

A partir da revisão bibliográfica dos textos utilizados ao redigir o presente trabalho, um processo metodológico de investigação acompanhará as etapas do programa de leituras. Além da elaboração de relatórios sobre os textos examinados, o cruzamento dos dados obtidos será de vital importância para a produção de artigos, que acompanharão o percurso investigativo proposto. Assim, o trabalho será distribuído em 27 meses, juntamente ao curso de mestrado, tendo início em fevereiro/março de 2023.

Em uma primeira etapa, serão pesquisadas as temáticas de Inconsciente e Repetição no ensino de Jacques Lacan. Após isso, uma segunda etapa tratará de levantar o que se repete no material recolhido ao longo dos últimos 3 anos em grupos de pessoas brancas voltados para a discussão de suas próprias branquitudes, onde da união da primeira e da segunda etapa seguir-se-á a realização do exame de qualificação. Após isto, serão considerados e revistos os pontos criticados na qualificação e se levantará produções brasileiras a respeito da temática, numa terceira etapa. Na quarta e última etapa: reunião dos dados obtidos para produzir uma síntese crítica e escrita da versão final da dissertação.

Pretende-se contribuir gradativamente com a divulgação científica através da publicação de 1 artigo sobre a relevância de revisitar o seminário 11 acrescido do conceito de "branquitude" e 1 artigo sobre o conceito de neurose acrescido da perspectiva brasileira, ambos na primeira etapa. Após este primeiro momento, o trabalho se dedicará à produção de 1 artigo a respeito de um dispositivo-clínico que contribua no processo de elaboração da racialização do sujeito branco, pondo em questão quais são as interferências nas inscrições no discurso social deste, na terceira etapa. Por final, 1 livro fruto da dissertação de mestrado e seus resultados, englobando as etapas previamente elaboradas. Além disso, ocorrerá apresentação constante tanto em congressos promovidos pelo Instituto de Psicologia em geral, quanto pelo Departamento de Psicologia Clínica, e a participação e interlocução realizada no PSOPOL (Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política), referência essencial a este trabalho.

Síntese da bibliografia utilizada

O trabalho baseia-se nas teorias de S. Freud, J. Lacan, L. Gonzalez, G. Kilomba, C. Bento. Isto, para possibilitar exploração daquilo que se repete no discurso utilizado nos materiais coletados. Especificamente a respeito do estudo psicanalítico da branquitude se dá através de G. Kilomba e C. Bento.

A metodologia se baseia nas teses de M. Debieux Rosa e D. Coelho & E. Cunha a respeito das condições para pesquisa psicanalítica a partir do dispositivo clínico-político.

As referências para aprofundar os percursos do estudo sobre branquitudes vieram de L. Cardoso, G. Ramos, G. Longhini, I. Nogueira, S. Carneiro, F. Fanon e L. Shucman.

Acreditamos que estas fontes possibilitam afirmar a importância e a possibilidade da psicanálise no reconhecimento da constituição destes sujeitos brancos.

As afirmações a respeito da hiper-valorização na inscrição social x sub-valorização foram embasadas em J. Borges, R. William e S. Almeida. Bem como M. Alexander no que concerne a questão do encarceramento em massa e D. Kopenawa & B. Albert e G. Longhini a respeito da ausência da demarcação de territórios indígenas e racismo indígena.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, M. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. Tradução Pedro Davoglio; revisão técnica e notas Silvio Almeida. 1ª edição. São Paulo. Boitempo. 2017.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. [Structural Racism] São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

- BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 5-58.
- BALDWIN, J. "O estranho no vilarejo". **Revista Serrote**. São Paulo, Instituto Moreira Sales, julho, 2017 #26.
- BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 5-58.
- _____. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo. 2002. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt-br.php>. Acesso em: 30 set. 2020.
- _____. **O pacto da branquitude**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BINKOWSKI, G. LARANJEIRA, G. "**Mulher Submissa, Mundo em Ordem**" in **Violência de gênero e ódio ao feminino** / Leonardo José Barreira Danziato, Leônia Cavalcante Teixeira, Jean-Luc Gaspard (organizadores) – Curitiba : CRV, 2021. 518 p.
- BORGES, J. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Pólen, 2019.
- CARDOSO, L. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. A branquitude acadêmica: Volume 2. 1ª edição. Curitiba: Editora Appris, 2020. 355 p.
- _____. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/3146.pdf. Acesso em: 10 junho. 2021.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. 1ª impressão. São Paulo. Editora Selo Negro Edições.
- COELHO, D. CUNHA, E. **Quatro condições para a pesquisa em psicanálise**. in **Psicologia USP**, 2021, volume 32.
- FANON, F. (1952/1975 2ªed). **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 9**. Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação da infância de Leonardo da Vinci e outros textos. (Londres, Imago: 1941, 1943 e 1947). Editora Schwarcz. 2013.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. **Totem e Tabu**. 1913.
- _____. **Recordar, repetir e elaborar**, v. XII, p.161-171. 1914.

- _____. **Além do princípio do prazer**, v. XVIII, p.13-75. 1920.
- _____. **A questão de uma Weltanschauung**. (1933[1932]).
- _____. **Neurose, psicose, perversão** / 1856-1939. Sigmund Freud ; tradução Maria Rita Salzano Moraes . -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2016. -- (Obras Incompletas de Sigmund Freud ; 5)
- GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- HOOKS, b. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Condições de vida, desigualdade e pobreza**. Disponível em: <https://ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza.html>. Acesso em: 01 de out. 2022.
- IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 01 de out. 2022.
- JAMES, G. G. M. **Stolen Legacy - Greek Philosophy is stolen Egyptian Philosophy**. First edition. First printing. African American Images. United States of America. 2001.
- KEBENGLE, M. In: CARONE, I. ; BENTO, M. A. S. (Orgs.) **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2016
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.
- KOPENAWA, D. ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés - 1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras. 2015.
- LIMA, A. F. **História Oral e narrativas de história de vida: a vida dos outros como material de pesquisa**. In: Metodologias de pesquisa em psicologia social crítica / org. por Aluísio Ferreira de Lima e Nadir Lara Junior. - Porto Alegre. 2014.
- LACAN, J. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1957]-1998.
- _____. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1953]-1998.
- _____. **O Seminário Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1964)-1988.
- _____. **Seminário 17 - o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LONGUINI, G. D. N. **Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PICH0255-T.pdf>. Acesso em 01 out. 2022.

- MATTOS, G. BARROS, E. **Branquitude Consciente no Instagram e as novas formas de ativismo antirracista**. 20º Congresso Brasileiro de Sociologia. UFPA. 2021.
- MCINTOSH, P. **White privilege: unpacking the invisible knapsack**. Peace and Freedom. 1989.
- MUSATTI-BRAGA, A. P. **Os muitos nomes de Silvana: contribuições clínico-políticas da psicanálise sobre mulheres negras**. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2016.
- NASCIMENTO, B. 1942-1995. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização Alex Rattz. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- NOGUEIRA, I. B. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2021. 192 p.
- RAMOS, A. G.. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- ROSA, M. D. **Histórias que não se contam: o não dito e a psicanálise com crianças e adolescentes**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2000.
- _____. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. Editora Escuta, 2016.
- SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SHUCMAN, L. V. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na constituição da sociedade paulistana**. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2016.
- SILVA, P. E. **O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo**. In: CARDOSO, L.; MÜLLER, T. M. P. (org.). **Branquitude: Estudos sobre a Identidade Branca no Brasil**. 1ª edição. Curitiba: Appris Editora e Livraria, 2017, pp. 19-32.
- SOUZA, N. S.. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal. 1983.
- WILLIAN, R. **Apropriação Cultural**. São Paulo: Pólen, 2019. 148 p.